

CAPA

BATINA



BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA
Rua das Taipas, 34, 2.º Dt.º — 1200 Lisboa • Telef.: 343 10 37

NR4 - 2.ª Série — Dezembro / 94

EDITORIAL

CAMÕES NO CASINO ESTORIL

Por feliz coincidência, a grande festa anual que a nossa Associação realiza no Sábado mais próximo do dia 25 de Novembro, pôde proporcionar a todos os Antigos Estudantes de Coimbra e seus convidados, um espectáculo de rara beleza e transcendente significado, em cena no Casino Estoril, integrado nas comemorações dos 500 anos dos Descobrimentos.

As páginas de «Os Lusíadas», do imortal épico, que também passou por Coimbra, traduzidas numa coreografia extasiante, levam-nos pelos «mares nunca de antes navegados» até à Índia, Macau e terras africanas, com o realismo dos tormentos suportados pelas frágeis naus (cujos mastros e velas decoram o belo salão do Casino) e marinheiros sujeitos a «perigos e guerras» que só o ânimo lusitano foi capaz de superar.

O realismo com que nos é apresentado o obstáculo personificado no Gigante Adamastor atinge os limites da emoção. E a força muscular com que os marinheiros e soldados arrastam e erguem os padrões para sinalarem ao mundo e aos céus que o mar sem fim era portu-



Uma viragem na história do Mundo

guês, penetra-nos de forma empolgante. E belo, muito belo, o encanto das ninfas sedutoras e o estímulo da Vénus protectora... Tudo deixa o espectador esmagado e rendido à força da realidade tão soberbamente traduzida na interpretação do conjunto de excepcionais artistas que de forma singular interpretam os cânticos do vate imortal.

Não podemos deixar de felicitar a Administração do Casino Estoril pelo rigor, inspiração e perseverança com que se empenhou para proporcionar aos frequentadores do magnífico Salão de espectáculos um motivo de tão elevado nível cultural.

Todos os Antigos Estudantes de Coimbra, que na noite de 26 de Novembro estiveram no Casino Estoril, jamais esquecerão tão belas horas vividas a evocar o Passado que é um tónico revitalizante para viver o Presente.

Cremos que seria iniciativa a empreender proporcionar a todos os jovens portugueses assistir a tão empolgante e educativo espectáculo.

J. Quintela

ÂNGELO VIEIRA DE ARAÚJO

— HOMENAGEM INCOMPLETA —



Na noite de 25 de Novembro, no Casino Estoril, em singela homenagem, a nossa Associação distinguiu com MENÇÃO HONROSA, o distinto colega Ângelo de Araújo.

O «porta-voz» não foi eloquente, mas o calor afectivo que de todos emanava fez-se sentir de modo a que Ângelo de Araújo não ficasse com

quaisquer dúvidas quanto à sinceridade com que os seus Amigos o aplaudiram.

Embora todos concordem que a verdadeira homenagem terá de ser feita no âmbito nacional, como realçou o «porta-voz», o Ângelo de Araújo, com a extrema simplicidade que é seu timbre, agradeceu sensibilizado a modesta distinção com as seguintes palavras:

Coimbra Minha, Meus Amores!

Só Coimbra conseguiria fazer com que eu, em contra-ponto com o Não-Discurso do nosso Laborinho Lúcio, me atrevesse a fazer um «discurso... Não...» O meu discurso-não não tem palavras sonantes, frases feitas ou citações latinas, nem ideias geniais...

E porquê? Porque não! Porque sendo apenas destinado a agradecer, a isso me limito afirmando-vos a imensa gratidão que conservarei por todos vós na memória do meu coração.

E ainda pedir-vos, ao aceitar esta V. manifestação de simpatia, que me permitam torná-la extensiva a todos os Antigos Estudantes de Coimbra, de todos os tempos — actuais, passados e futuros — com uma chamada especial aos que constituíram a equipa directiva da nossa Delegação a que presidi. É que ela conseguiu não só incentivar de forma inegável as manifestações de são convívio entre nós, como também e em consequência contribuir, para o reavivar da tradição de que é parte importante a tomada da Bastilha que hoje estamos comemorando.

Para todos os antigos estudantes que «viveram» e «sentiram» Coimbra, que respeitam as suas velhas tradições de Humanismo, quaisquer que sejam os credos ou ideais, e que mantêm viva a sua fé naquela sã camaradagem e companheirismo fraterno com que a sombra tutelar da nossa ALMA MATER nos marcou,

Vai o meu Abraço Maior.

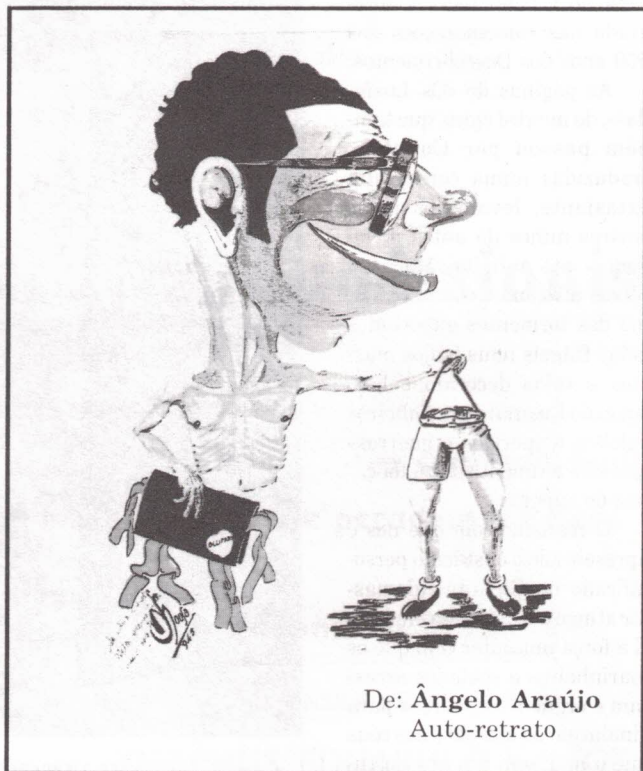
E para a nossa Velha Universidade, estou certo que poderei mandar, com o meu, também o Vosso Amor.

INVENTÁRIO

Fiz do passado o meu Presente!...
Na verdade
Talvez de uma forma inconsciente
E, sem querer,
Inventei a «minha» Saudade,
Direi mesmo
Uma maneira nova
De Viver.

Pois bendita sejas tu, Saudade minha,
Porque sem ti
Eu não teria, como tenho, esta certeza
De que vivi
Uma vida cuja idade
Eu medi
Apenas em termos de Beleza,
Em termos de todo o Bem
E de todo o Amor
Que nela eu senti.

(Ângelo de Araújo)



De: Ângelo Araújo
Auto-retrato

PASSEIO AO PORTO E BRAGA

Em 22 e 23 de Outubro passado concretizou-se mais esta iniciativa da Direcção.

Depois de vicissitudes várias que nos obrigaram a cancelar o 3.º autocarro, partimos de Lisboa, cerca da 8.00 horas.

Chegámos ao Porto cerca das 13.00 horas e depois de almoço livre, efectuou-se a visita à Fundação de Serralves guiada pelo Prof. Dr. Fernando Pernes.

Sobre esta Fundação a nossa colega Fernanda Esteves compôs para «Capa e Batina» o seguinte apontamento:

«Aquela organização do norte do país, dispõe de uma área de 18 hectares, constituída por espaços residenciais e por superfícies de parques arborizados, jardins carinhosamente tratados e terras de cultivo, o que faz de Serralves, o primeiro parque da cidade do Porto.

Teve a sua origem, num objectivo do 2.º Conde de Vizela, industrial têxtil, Carlos Alberto Cabral, que o concretizou ao mandar construir as áreas habitacionais e ajardinadas, segundo as traças modernistas que marcavam o cunho da elegância nos anos trinta. Para isso, procurou a colaboração de evidenciados artistas parisienses dessa época: «o arquitecto Siclia, o paisagista Jacques Greber, os decoradores Edgar Brandt, Lalique, etc.». Mas devido à deflagração da II Guerra Mundial e às dificuldades de contactos a que ela obrigou, o projecto final foi do arquitecto português, Marques da Silva, já na década de quarenta.

O Conde de Vizela, possibilitou ao Porto, ser hoje detentor de uma área residencial que é um legado do «estilo «art déco», num exemplo único de urbanismo nacional e com raros paralelismos possíveis à escala internacional» dada a harmonia arquitectónica e paisagística atingirem um todo que transporta para um tempo ainda recente a magnificência do classicismo francês.

Com as habituais viragens que o tempo dá às vidas, Serralves, deixou as mãos de particulares e foi adquirida em 1987, pelo Estado Português, através da Secretaria de Estado da Cultura, tendo o Governo dois anos depois da aquisição, criado uma Fundação de direito privado, cujo património inicial foi acrescido pela entrada de entidades foradas por empresas públicas, privadas e particulares.

Ao adquirir Serralves, o Governo teve um fim em vista — a criação no Porto de um Museu de Arte Moderna — onde ficará o «espólio de arte contemporânea portuguesa e estrangeira, pertencente a colecções estatais ou derivado de doações ou depósitos vários e que se continua a ampliar com novas aquisições». Com esse propósito, foi solicitado ao arquitecto Álvaro Siza Vieira, o estudo de um projecto para o referido Museu, bem assim, como de um auditório, tendo uma preocupação primordial, a preservação urbanística e paisagística existentes.

Actualmente, Serralves é local onde se realizam exposições sobre artes plásticas, arquitectura, fotografia, cinema, vídeo ..., proporcionando divulgação ou estudo, de distintos artistas portugueses, como também de nomes significativos: Goya, Picasso, Miró, Tàpies, Vieira da Silva, Arpad Szenes e até mais jovens criadores.

Tendo como lema a divulgação cultural, Serralves, promove concertos, espectáculos, ciclos de conferências, seminários, concretizando-os com a colaboração de outras entidades culturais de prestígio internacional, levando ao Porto intelectuais de diferentes vertentes do pensamento contemporâneo.



Prof. Dr. Fernando Pernes

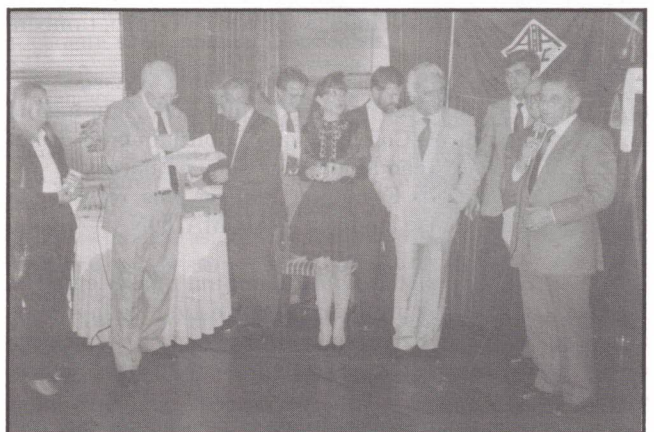
A juntar a toda esta notável actividade norteeda pelo apoio à cultura, tem ainda Serralves, uma acção notável, a pedagógica, ligada às escolas da região nortenha, proporcionando aos mais jovens, contacto directo com animais do mundo rural e com a terra, onde lhes é possível terem a noção do que é — semear e colher — aliado a jogos e criações imaginativas como a dos seus já conhecidos espantalhos.

Serralves é exemplo a seguir, sabido que é, ser a cultura com o que encerra de artes e ciência, o enobrecimento das forças espirituais dos povos.»

★ ★

No final da visita, depois da fotografia da praxe e das palavras de agradecimento proferidas pela Fátima Lencastre, em nome da Associação, uma pequena e singela homenagem a duas figuras da Academia de Coimbra, em especial da nossa Académica: o EUGÉNIO CARVALHEIRO e o ANTÓNIO CURADO. Palavras breves do Fernando Paulo e do Tito Costa Santos, a oferta de um emblema da Associação, de uma cassette de fados de Coimbra e de algumas publicações.

Os «homenageados» que fazem parte de um grupo que já criou a Delegação do Porto da AAEC, agradeceram comovidos, tendo sido fortes os abraços dos presentes.



Dr. Tito saudando a Direcção da Delegação da AAEC em Braga



Em Serralves

Cumprindo os horários previstos, chegou-se a Braga, onde ficámos instalados nos Hotéis do Bom Jesus. À nossa espera o Presidente e o Vice-Presidente da Delegação de Braga respectivamente, o Dr. Coimbra e Cruz e Prof. Dr. João Moura, que durante toda a nossa estadia nos cumularam de gentilezas.

Cerca das 19.30 horas começou um inesquecível Convívio dos 100 colegas de Lisboa, e cerca de 60 colegas de Braga, que se prolongou quase até às 03.00 horas da madrugada.

Um opíparo jantar volante reconfortou os estômagos e os óptimos vinhos despertaram os espíritos.

Saudações e troca de prendas entre os elementos das duas Direcções presentes, estando a de Braga na máxima força.

Seguiram-se Fados e Guitarradas de Coimbra pelo Grupo do João Moura, que teve uma actuação notável, e com um cantor com uma voz que a todos encantou. Os nossos colegas Tito e Alcindo, a convite do Grupo, também cantaram um fado.

O momento de Poesia empolgou toda a Assistência com uma «performance» notável de um colega, igualmente antigo estudante de Coimbra, que habitualmente acompanha o Grupo do João Moura nas suas actuações.

Também aqui Fernanda Esteves nos recordou a figura feminina quase lendária — MUMADONA — ligada à história do Minho:

«Vou invocar uma figura feminina quase lendária, Mumadona e dei-lhe preferência, por estar ligada à mais antiga província portuguesa o Minho, onde a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, hoje se encontra.

Embora a autonomia humana seja apenas de uma vida, há vidas que deixam rasto, como a da célebre e

poderosa dama do século X, condessa de Mumadona. Ligada por ascendência e casamento à alta aristocracia leonesa foi a mais rica e poderosa senhora do Noroeste da península Hispânica, principalmente após a morte do marido, o conde galego D. Hermenegildo Gonçalves.

O seu território ocupava os condados de Portucale e Coimbra.

Em Guimarães fundou os mosteiros de S. Salvador, Santa Maria e S. Mamede, onde professou. A este mosteiro doou a sua biblioteca, a mais antiga de Portugal, bem assim, como vasos sagrados e vestimentas, tornando-o um lugar cultural.

O desembarque em 968 dos Normandos na Galiza, que devastaram, atingindo ainda, a que é hoje a região minhota, levaram Mumadona a tomar atitudes de defesa.

Ela era conhecedora dos resultados catastróficos das invasões dos Romanos em 216 a. C.; dos Suevos em 409; dos Visigodos em 456 e dos Sarracenos em 716, por isso, mandou construir uma torre, bem alta, para vigia, perto do mosteiro, para segurança dos monges e freiras, finalizando a sua estratégia defensiva, com a construção de uma muralha e de um castelo, sendo este a origem do burgo de Guimarães e sede da corte dos condes de Portucale.

Como vêem os desaparecidos não morrem, porque os seus feitos vamos lembrando conforme os momentos da vida.»

Por fim, a Tuna Académica da Universidade do Minho, com uma actuação brilhante, onde se destacou a alegria dos seus acampanhantes e a espantosa voz do solista.

Para os que ainda aguentaram, houve baile pela madrugada fora ...

O que mais nos impressionou nos Colegas da Dele-



Tuna da Universidade do Minho

gação de Braga que conosco conviveram, foi tratar-se de um grupo etário bem diversificado, onde a Juventude começa em colegas acabados de licenciar, até a muitos que da Lusa-Atenas guardam a saudade dos anos 30 e 40.

Na manhã do dia 23, após o pequeno almoço, a maioria resolveu descer as escadarias do Bom Jesus a pé, seguindo-se um pequeno passeio por Braga, de autocarro, pois o tempo não permitia saídas.

Às 11.30 horas foi a Missa na Sé de Braga, tendo sido reservados lugares para nós, de ambos os lados do Altar-Mor. De novo, muitos colegas de Braga nos acompanharam! Alguns nem eram católicos ...

Foi celebrante o Prof. Dr. Cónego José Marques que a nós se referiu com palavras de saudação, transmitindo uma mensagem do Senhor Arcebispo D. Eurico Dias Nogueira, que, por se encontrar em Paris em serviço litúrgico, não pôde estar presente, e depois, no final, a quando da Benção.

O Senhor Arcebispo, também ele antigo estudante de Coimbra, Licenciado em Direito pela nossa Faculdade, teve a grande amabilidade de nos escrever a carta que transcrevemos em «caixa» e que tanto nos sensibilizou.

Era tempo de almoço, ao qual estiveram presentes, de novo, numerosos colegas de Braga e a Direcção. Boa comida, óptimas bebidas, breves palavras do Dr. Coimbra

e Cruz e do Tito Costa Santos e venda de discos que praticamente se esgotaram.

Após o almoço, de novo regresso à Sé Catedral para uma visita guiada ao Tesouro da Sé e à própria Sé. Na escadaria uma surpresa: o Coro Porta Nova, de Braga que nos dedicou uma bela actuação, terminando com a Balada da Despedida do 6.º Ano Médico de 1958, entoada em cântico por todos nós, e um caloroso agradecimento pela Fátima Lencastre.

Durante a visita outra surpresa: um dos dois grandes órgãos da Sé, sem tocar há quase 200 anos e que acabara de ser restaurado há cerca de 2 meses, fez ouvir os seus sons maravilhosos para todos nós. Momentos de emoção e encanto.

Na visita aos Tesouros e à Sé, guiada por um cicerone profundo conhecedor, foi-nos ainda possibilitado conhecer a Capela dos Fundadores da Nacionalidade (Conde D. Henrique e D. Teresa) e a Capela do Fundador da Sé (o Arcebispo S. Geraldo).

Os pormenores desta visita ao Tesouro da Sé mereceram referência pormenorizada do nosso colega João Maria, que destacamos noutra lugar desta edição de «Capa e Batina».

Terminando a visita que a todos deslumbrara, foram as compras das lembranças e dos doces e a despedida dos nossos Colegas da Direcção, incedíveis na organização da nossa estadia e no apoio e acompanhamento constante.

A nossa Associação tem uma grande dívida de gratidão para com a Direcção da Delegação de Braga, em especial dos grandes entusiastas desta visita, o Presidente Dr. Coimbra e Cruz e o Vice- Presidente Prof. Dr. João Moura.

Certamente a colaboração entre a nossa Associação e a Delegação de Braga vai passar a ser constante e, com isso, todos ficamos a ganhar. Esperemos que, em breve, se juntem a nós a Delegação do Porto e a Associação — «Mãe», de Coimbra, para que possamos levar a efeito iniciativas conjuntas que assim, terão sempre êxito assegurado.

Costa Santos (Tito)

VISITA À SÉ E AO SEU TESOURO

A Direcção da nossa Associação tem feito todos os esforços para que o convívio entre os associados vá mais além dos jantares das primeiras sextas-feiras de cada mês e das festas do Natal, Carnaval, Santos populares, Casino do Estoril, etc. Nesse sentido, os passeios da Primavera e do Outono têm sido acontecimentos inesquecíveis, organizados com programas que contemplam, naturalmente, uma parte recreativa e, sobre tudo, uma grande componente cultural. Há já um desejo muito generalizado da sua institucionalização, tal a alegria e satisfação que todos sentem. A participação dos sócios tem sido bastante grande porque na programação destes passeios tem havido o maior cuidado por parte da Direcção.

Do último passeio a Braga, memorável diga-se, alguém dirá da visita à Fundação de Serralves no Porto e do Sarau Cultural.

Eu escreverei uns apontamentos ligeiros sobre o que foi a Missa na Sé de Braga e a visita ao seu riquíssimo tesouro.

O Senhor Arcebispo, D. Eurico Dias Nogueira, antigo estudante de Coimbra, na impossibilidade de estar presente e de ele próprio officiar como era seu veemente desejo, determinou que o

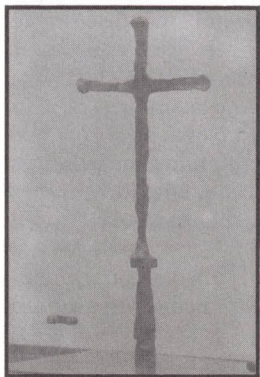
transepto da Sé ficasse reservado na sua totalidade para a nossa Associação conjuntamente com o Còro. À homilia, o celebrante, em representação do Senhor Arcebispo, saudou os antigos estudantes de Coimbra, dizendo-lhes da alegria que D. Eurico sentia em os ter na vetusta Catedral cuja origem remonta ao reino Suevo-Bracarense.

Todos participaram nesse momento de grande espiritualidade que constituiu uma evasão ao forte materialismo do quotidiano.

Depois do almoço, seguiu-se a visita guiada ao fabuloso Tesouro da Sé, acumulado ao longo de novecentos anos da sua existência. A sua origem remonta ao período medieval e reúne, desde o século X, os mais belos objectos artísti-



Cálice manuelino de D. Diogo de Sousa



Cruz que segundo a tradição, esteve na primeira Missa celebrada em terras do Brasil

cos. O museu está instalado na antiga Casa Capitular, construída nos séculos XVII e XVIII pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles. Foi na escadaria, de estilo barroco que tivemos a agradável surpresa de ouvir o grande Coral de Braga que nos deliciau com alguns números do seu repertório e que terminou a sua actualização com o «Coimbra tem mais encanto ...». Depois de ouvirmos o Coral, começou então a visita.

Ao cimo da escadaria nobre que subimos, está um sarcófago de mármore português de um incalculável valor artístico e arqueológico que tem na face longitudinal o «Cantharus» e, num dos topos, gravado em

relevo, o «Crismon» entre o alfa e o ómega que se calcula ser do século V e de influência oriental.

Entrámos então no Museu da Sé que reúne objectos de arte em tanta quantidade que suplanta todo o conjunto dos tesouros da Sé do Porto e da Sé de Lisboa.

Um órgão do século XVII, esculturas de calcáreo dos séculos XIV e XV, algumas de alabastro e outras de mármore, chamaram a nossa atenção. Um elevado número de esculturas de madeira estofada, dos séculos XVI a XVIII, marfins indianos, lampadários de prata e bronze, crucifixos, alfaias, livros religiosos de pergaminho com iluminuras, etc., etc., tudo nos foi dado ver e de tudo o nosso guia nos ia informando.

No final de uma visita a um museu, com tantas e tantas

peças de arte, o nosso espírito fica certamente baralhado com tudo aquilo que viu.

Porém, das peças que nunca mais se esquecem, se a memória não atraiçoa, consta o célebre cofre de marfim que é uma riquíssima peça hispano-árabe do século XV; um cofre de ferro batido de origem alemã; a grande colecção de paramentos persas, indianos e chineses, além dos oferecidos pelo filho de D. João V, D. Gaspar de Bragança que são sumptuosos; o célebre cálice de S. Geraldo do século XI; o báculo de Santo Ovídio do mesmo século; custódias manuelinas e finalmente a grande custódia em sol radiante do tempo de D. João V.

Um concerto de órgão no Côro da Sé Catedral foi também uma agradável surpresa com que fomos brindados no final.

Depois da visita ao tesouro da Sé, passámos ainda pela Capela dos Reis ou de Nossa Senhora do Livramento, onde pudemos admirar os belos túmulos do Conde D. Henrique e de sua mulher D. Teresa que, primitivamente, estiveram numa capela gótica junto à parede norte da Sé, mandada construir pelo arcebispo D. Lourenço Vicente, no século XIV.

Não há dúvida que foi uma grande lição de arte que perdurará na nossa lembrança.

João Maria



Custódia em Sol radiante do tempo de D. João V

Carta do Bispo Dias Nogueira

Braga, 1994-10-05

Exmo. Senhor Presidente
da Direcção da A. A. E. C. em Lisboa

Recebi ontem, terça-feira, a carta datada de 28 de Setembro findo, à qual me apresso a responder.

A alvorçada alegria com que acolhi a notícia da projectada vinda a Braga ficou logo enevoadada pelo conhecimento da data desta.

É que, entre 15 e 24 do mês em curso, devo estar em Paris, por convite gentil e insistente do respectivo Arcebispo, o Cardeal Jean-Marie LUSTIGER. Quer que eu participe (falou mesmo em presidir) nas cerimónias litúrgicas da despedida do Reitor cessante e tomada de posse do sucessor, no Santuário luso-francês de «Nossa Senhora de Fátima Mediadora». O motivo situa-se no facto de eu ter estado intimamente ligado ao processo de negociações para a entrega daquele Santuário parisiense à comunidade portuguesa na Capital, há cerca de dez anos, bem como na nomeação dos respectivos Reitores: o primeiro foi meu colaborador directo em Moçambique e o segundo pertence ao Presbitério bracarense.

Entendi não poder faltar, pelo que só estarei de regresso a Braga no dia 24, ao cair da noite. Sinto verdadeira pena de não poder estar convosco.

Atrevo-me, porém, a fazer uma sugestão.

Dado que «grande parte dos associados» pretende assistir à Missa dominical de 23, proponho que organizem o programa desse domingo, apontando para as 11.30 horas, na Sé a qual será celebrada pelo Deão do Cabido, Cónego Melo Peixoto.

Na ocasião, os interessados poderão efectuar uma visita àquela Catedral — mais antiga do País, pois já celebrou 900 anos de idade — e zonas históricas e artísticas anexas ao claustro, em feliz recuperação e notável enriquecimento; capelas dos Fundadores, com os túmulos dos Condes D. Henrique e D.^a Teresa, e da Glória, com a do Arcebispo D. Álvaro Pereira (avô de Nun'Álvares), e também da Senhora da Piedade (agora com a linda escultura da Senhora do Leite). Aquele capitular esa à vossa disposição para vos acompanhar, ou a partir das 10 horas, ou no final da Missa, às 12.00 horas aproximadamente.

Não haverá tempo para a visita ao valioso Museu — com peças recolhidas ao longo de mais de mil anos — a qual poderá efectuar, individualmente ou por grupos, noutra hora.

Subscrevo-me afectuosamente, com as melhores «saudações académicas»

Eurico Dias Nogueira

• UM PASSEIO QUE NÃO ESQUECE •

POR TERRAS DO ALENTEJO

Si simplesmente maravilhoso o nosso passeio a Évora! Muito se viu. Muitíssimo se comeu. Em Campo Maior, o maior, foi sem dúvida o nosso Amigo Nabeiro, o rei dos Cafés.

Se o «Pi», vale catorze vírgula dezasseis, o «Delta», vale vinte valores, a cotação máxima. É que o Delta é um café que agrada a «gregos» e troianos.

O lauto almoço que o amigo Nabeiro nos ofereceu e toda a simpatia com que nos rodeou, constituíram um momento alto deste nosso convívio.

E à custa do Nabeiro, todos comemos como uns nababos. Para ele um «efe-erre-à» com toda a força dos pulmões.

A Casa Maior seguiu-se Borba.

Uma casa museu. Vinho do melhor. Comida de qualidade superior que ao maxilar inferior muito trabalho deu. De braços abertos, o nosso amigo Falcato a receber-nos. Nesse abraço tão forte e tão sincero recordou-se Coimbra, a nossa Coimbra que a todos une.

A malta já estava com um atraso grande e foi muito a custo que nos desprendemos dos braços do Falcato para prosseguir viagem. O Falcato. Um amigo. Um bom colega.

Évora à vista. Ordens do Tito:

— Agora vai tudo direitinho para o Sarau. E lá fomos. Houve teatro, imitações, fados de Coimbra, uma evocação a Florbela com a declamação de alguns dos seus sonetos, a Tuna da Escola Secundária e a Tuna dos universitários de Évora que tantas palmas nos mereceu.

Depois o Hotel, D. Fernando de seu nome. Belas instalações! Na manhã seguinte esperava-nos um pequeno almoço que, de pequeno, só tinha o nome. Era tão grande que foi de comer à «grande e à francesa». Tudo isso graças à gentileza e à amizade do senhor Fernando Barata.

Do Hotel se partiu, em caravana, para uma visita às maravilhas desta cidade Museu.

Depois foi Monsaraz e Reguengos.

Se um Governador Civil fosse eleito como os Presidentes de Câmara, o Eng.º Mira Branquinho teria a totalidade dos votos. E votos fazemos por que se conserve no lugar que, pela amostra, tão bem deverá saber desempenhá-lo.

O almoço que nos ofereceu foi servido com toda a pompa no Convento da Orada, um lugar de raro fascínio e de uma tal beleza que a todos deslumbrou. Um almoço maravilhoso com pratos típicos da região. Dos tais que é de comer e pedir mais.

E que lindo aquele espectáculo, de ver as mãos de homens e mulheres, levando à boca, através dos garfos, em movimento cadenciado, toda a comida que os empregados, com muito requinte, iam pondo abundantemente nos pratos de cada um! E houve tantos que bisaram! Foi encher a «mula» à descrição. É que o menú era simplesmente delicioso.

Calcule, Senhor Governador, que houve quem sentisse dor de estômago com o muito que lá meteu. Mas esses não tiveram outro remédio senão «governar a dor», por conta própria, com Kompensam, para compensar. Desculpe-nos estas liberdades poéticas ou patéticas. É a irreverência dos tempos de Coimbra.

E para remate do nosso passeio, o Senhor Governador, que tão dignamente nos distinguiu, deu-nos o seu adeus com um excelente copo de água na Pousada de Estremoz. Foi um copo de água que mais parecia de casamento. Só faltaram os noivos.

Posto isto, feitas as despedidas, foi o regresso a Lisboa.

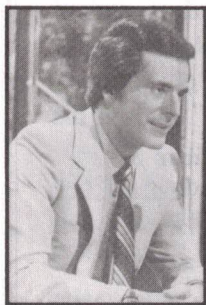
A nós, portugueses, palavrado não nos falta, mas não sei, perante o que assistimos, se haverá palavras para agradecer a forma tão gentil e cativante como o Senhor Governador nos recebeu.

Injusto seria se não se deixasse aqui um louvor e um agradecimento à nossa Direcção. Apenas vos direi que, apesar deste belo passeio se ter feito há poucos dias, já vivo numa saudade, e grande, por tudo quanto vocês me fizeram viver. E certo estou que todos os colegas e amigos partilharão desta mesma saudade.

Para concluir apenas um pedido. Que Fátima nos conceda a graça de passeios como este quase de graça. Não só a Fátima, mas a toda a Direcção.

É que... com passeios destes, MANDEM-NOS PASSEAR.

Gustavo Cerdeira



NOVO ASSOCIADO

FERNANDO CARDOSO nasceu no Porto, e exerce a advocacia desde 1973. Licenciou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra em 1968, meta alcançada com o esforço natural de quem trabalha e estuda ao mesmo tempo.

Posteriormente, frequentou o 1.º Curso de Mestrado de «Relações Internacionais» na Universidade Livre e, igualmente com êxito, o Curso de Mestrado em Direito na Universidade Católica de Lisboa.

É considerado um dos melhores escritores de literatura para a infância, tendo alguns dos seus livros sido gentilmente oferecidos à biblioteca da nossa Associação.

É também, um notável poeta, tendo publicado dois livros de poesia, «Meu Campo Verde» (6.ª edição) e «Amo, Logo Existo!» (4.ª edição), os quais colheram da crítica as mais elogiosas referências.

Inúmeros versos de sua autoria encontram-se musicados e gravados em disco.

É igualmente interessante referir que alguns livros para crianças de sua autoria se encontram também publicados em braille.

Foi recentemente admitido como Académico de Mérito da Accademia Internazionale di «PONTZEN», em Nápoles, Itália, Secção de Letras, e distinguido com a «Palma de Prata» e «Palma de Ouro».

DR. FERNANDO CARDOSO



FRESCURA DE ESPÍRITO

Ao regato que corre, forte ou fraco, consoante a água que o rio lhe permite, não lhe é exigido que transborde, para cumprir a sua missão.

Assim é também para o homem.

Regato humano que é, DEUS não lhe pede que se exceda a si mesmo, exigindo-lhe impossibilidades, mas sim e só, que regue as margens dos ambientes, por onde passa, consoante as suas posses.

O que acontece, muitas vezes, é, que o homem deixa de correr, e refrescar os Campos Humanos, porque ele próprio, ou outro por ele, deixou que secasse a fonte, pelos da vida.

Continua, entretanto, a ser regato ... Mas apenas uma veia seca?

Do leito emperdenido onde, não raro aparecem fendas desagregadoras da unidade, a matéria fraca, e mole, desune-se e deixa-se penetrar pelos Sóis do desencanto.

Não deixemos, pois, que seque a Fonte: E dizer como o Salmista: «A MINHA ALMA TEM SÊDE DE VÓZ, MEU DEUS» ...

Ela é a Origem de onde brota a «ÁGUA VIVA» que um dia JESUS, contrapôs, à sua natureza do velho pôço do Pai Jacob.

É urgente refrescar, com essa ÁGUA, os regatos que somos ...

Na certeza que DEUS, só nos pedirá contas, pela Frescura que deixemos de dar e nunca, quando, a demos, pelo modo como fizemos, porque ELE, respeita em cada um as limitações da fraqueza humana.

O que pode não perdoar, é o termos deixado secar o regato, porque a dureza que se apoderou dele é, então, a nossa própria dureza. É a nossa derrota ...

Que cada Homem, portanto, refresque as margens da sua vida, pois há sempre nelas, quem viva sedento de encontrar um pouco de água Fresca.

DEUM, ET DEUM, LUMINÉ ET LUMINÉ:

Florêncio Campos

**Boas
Festas
e
Feliz
Ano Novo**



ORAÇÃO DE NATAL

Jesus
porque não te deixaste ficar
sempre pequenino e lindo
para o Mundo te adorar
sorrindo
e sem conhecer a Cruz?!

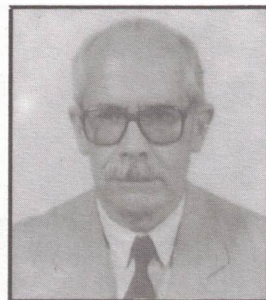
Porque não te deixaste ficar
sempre pequenino e lindo
para te podermos adorar
sorrindo?!

Ah!, meu Jesus
pequenino
era bem melhor viver sorrindo
e adorando-te menino ...,
do que rezar chorando
ao pé da tua Cruz.

Ângelo Vieira de Araújo

REENCONTRAR COIMBRA... EM LISBOA

por MURTA REBELO



Vou procurar ser simples, objectivo e escrever sem ornatos literários. Muitos factos valem pelo seu significado e simbolismo.

Lembramos que em 1969, em Coimbra, surge a crise académica. Decretado o luto académico foi cancelada a Queima das Fitas. Quase emudeceu a Canção Coimbrã... durante alguns anos!

Mas a que propósito faço esta brevíssima referência? Surge para justificar porque resolvemos escrever este artigo evocando «Coimbra... em Lisboa».

Sabemos que a memória dos homens é fugaz, e assim, este apontamento, que para muitos leitores parecerá desinteressante, lembrará que dois antigos estudantes de Coimbra, não esqueceram em Lisboa, e sem romantismos doentios, a beleza da Torre da Cabra qual sentinela vigilante dos seus poetas e cantores.

Vivíamos o ano de 1977. O signatário deste texto (residente em Lisboa) e o Dr. Fernando Rolim, médico-pediatra em Setúbal, (um dos chamados rouxinóis do Mondego da década de 50), pensaram, decidiram e actuaram no sentido de ajudar a despertar Coimbra na capital de Portugal!

E assim aconteceu!

Realizámos uma jornada denominada «Coimbra... em Lisboa» (passe a imodéstia). E pasmem! Não se realizou na Aula Magna da Universidade de Lisboa, nem em nenhum Centro Cultural...

Aconteceu numa discreta Sala de Convívio, no Lote 398, da Rua Vila de Catão, no Bairro dos Olivais, em Lisboa.

E o público? Quem era? Eram os condóminos do Lote 398, os familiares dos antigos estudantes que se deslocaram de Coimbra e os residentes em Lisboa.

Antes de prosseguir, e sem louvaminhas fáceis, é meu dever destacar o esforço dispendido pelo Dr. Fernando Rolim que, algumas vezes, se deslocou a Coimbra para estimular e promover a vinda a Lisboa de uma tão ilustre embaixada coimbrã.

E conseguiu!

Vamos, pois, lembrar este «Dia de Saudade» realizado no dia 18 de Junho de 1977 e que se iniciou pelas três horas da tarde.

Começou com a intervenção do estimado Dr. Teixeira Santos (que tanto tem pugnado pela defesa do património académico) e que palestrou doutamente sobre «As Origens Históricas de Coimbra».

Depois o nosso saudoso arquitecto Florêncio de Carvalho (que se deslocou propositadamente do Porto) e que foi um inspirado autor de letras e músicas de temática coimbrã, dissertou, sabiamente, com a colaboração do Dr. Aurélio dos Reis, sobre «As Origens e Características da Canção Coimbrã».

Prosseguindo a sessão registámos a presença do Dr. Condorcet Pais Mamede, figura emblemática de Coimbra que, com o seu eterno espírito jovem, executou números de ilusionismo, recordando os seus bons tempos de estudante.

Que saudade!

Seguidamente para estimular mais os espíritos foi servido um jantar bem português!

Chegou a meia-noite! É a hora da Serenata de Coimbra... em Lisboa.

Dedilhando as guitarras o Prof. Doutor Pinho de Brójo e o saudoso Dr. António Portugal (que em Junho passado se «ausentou» do nosso convívio-físico mas não do espiritual) e acompanhados pela viola mágica do Dr. Aurélio dos Reis, testemunharam vivamente a técnica e o virtuosismo de exímios executantes.

E os cantores? Tivemos a participação do Dr. Luís Goes, do Dr. Machado Soares, do Dr. Fernando Rolim e do Dr. António Bernardino.

É necessário adjectivar a qualidade destes intérpretes e o papel que têm desenvolvido na divulgação da canção coimbrã? Penso que não. Através das letras e das músicas sentimos todos «correr Coimbra nas nossas veias», como diz o poeta.

Depois, caríssimos amigos, a noite não terminou.

Tivemos a presença do saudoso António Santos Tössan), figura inesquecível da vida académica de Coimbra, que a Digníssima Direcção dos Antigos



1977 — Noite de 18 de Junho
Fernando Rolim, Aurélio Reis, Pinho de Brójo, António Portugal
e Machado Soares

Estudantes de Coimbra em Lisboa, justamente homenageou no Casino Estoril, na Festa da Tomada da Bastilha, em Novembro de 1993.

Tòssan, figura multifacetada, humanista profundo, poeta inspirado, conversador emérito, falou de histórias e acontecimentos dos seus tempos de Coimbra e disse poesia... como só ele sabia!

Um serão inesquecível!

Eram 6 horas da madrugada do dia 19 de Junho de 77 quando saímos da Sala de Convívio do Lote 398, no Bairro dos Olivais, algures na cidade do Tejo.

Nascia o sol como que a despertar-nos do encantamento-da evocação de Coimbra... que revivemos em Lisboa!

Na hora da despedida, lembro-me bem, disse o Amigo Dr. António Portugal: «Foi preciso vir a Lisboa... reencontrar Coimbra».

E os que regressaram à Lusa-Atenas levaram o propósito de incentivar, ainda mais, o reencontro de Coimbra em Coimbra!

Foram organizados Seminários sobre a Temática do Fado ou Canção Coimbrã em Coimbra.

Realizou-se a Semana Académica em 1979.

A tradicional Queima das Fitas ressurgiria, finalmente, no ano de 1988, se não estou em erro.

Coimbra voltou a ser Coimbra!

E agora compreenderão porque dois antigos estudantes coimbrões, residentes em Lisboa e em Setúbal, se sentem felizes. Pensamos que discreta mas empenhadamente teremos ajudado a contribuir para que Coimbra não continuasse emudecida...

Meus amigos. Pensei escrever um texto ligeiro. Talvez pareça demasiado descritivo. Paciência.

Desejei apenas e somente que o acontecimento atrás referido, aparentemente simples, ficasse registado no Boletim «Capa e Batina», pelo simbolismo coimbrão que encerra, pelo contributo, embora modesto, que prestámos e porque, finalmente, os homens passam e a memória é curta!

Para satisfação pessoal possuo também o registo fotográfico e a gravação em «cassette» deste largo dia de convívio académico.

Penso que mencionei todos os participantes.

Peço desculpa se cometi alguma omissão.

Já agora gostaria de lembrar que outras noites de tertúlia coimbrã têm acontecido no Lote 398, nos Olivais, em Lisboa, com o Grupo Serenata de Coimbra, constituído, em 1984, por antigos estudantes do Choupal, e sempre liderado pelo nosso amigo Francisco Vasconcelos, alma rica de inspiração poética e sensibilidade musical.

E mais noites pautadas pelo espírito do convívio coimbrão continuarão a acontecer... em Lisboa.

É tempo de terminar. Permitam-me que insista em dizer que apenas desejei lembrar que Coimbra, em 1977, foi discreta mas singularmente evocada em Lisboa.

Será um «simples» acontecimento para alguns leitores.

Mas para os que participaram não foi!

A verdade é que são muitas vezes os «simples» factos que ajudam a fazer a história da defesa dos valores culturais através dos tempos, mau grado os ventos e as tempestades!

Coimbra continua a merecer a nossa evocação inspirada pela Saudade!



1977 — Noite de 18 de Junho
Parte da Assidência

« TOMADA DA BASTILHA »

(Casino do Estoril — 26 / Novembro / 94)

Renovou-se a Tradição com o grande Encontro anual dos Antigos Estudantes de Coimbra, promovido pela nossa Associação.

Com a lotação esgotada, Antigos Estudantes vieram de todo o País para o grande Convívio anual, este ano com o aliciante de se prestar homenagem ao mais querido de todos nós: o ÂNGELO VIEIRA DE ARAÚJO.

Por isso a lotação esgotou e a «malta do Ré Menor» também bateu o record de presenças!

Às 20.00 horas iniciou-se a Recepção, com os costumados e ruidosos abraços, alguns com dezenas de anos de atraso. Às 20.30 horas abriram-se as portas espelhadas do Salão e, ocupados os lugares, começou o Jantar.

Às 23.00 horas teve início o espectacular Show do Casino — «Os Heróis e o Mar» — que a todos agradou, sendo unânime a opinião de se tratar do melhor show de sempre.

Após cerca de trinta minutos de música de dança, deu-se início ao «Show Nosso»!

O nosso apresentador — João Maria Tudela — chamou a Direcção ao palco para breves palavras do Presidente Proença de Carvalho, entrega do Prémio à melhor aluna licenciada este ano pela Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra e, por fim, o momento alto da noite — a homenagem ao Ângelo Araújo. Palavras sentidas, comovidas e justas do Brigadeiro Quintela para o Médico, o Poeta, o Músico inspirado de alguns dos mais lindos fados e baladas, o Marido e Pai, enfim, o Homem. Com rara oportunidade, estendeu-se a homenagem à Esposa, a quem foi oferecido um ramo de 12 rosas vermelhas, fonte de inspiração de um lindo poema do Ângelo dedicado à Esposa feito nos seus tempos de jovem.

O Ângelo agradeceu, comovido, com a simplicidade que é seu timbre e que é apanágio dos espíritos eleitos.

Os quase mil Colegas presentes, de pé, concederam-lhe a maior ovação da noite! Um frémito de emoção atravessou os nossos corações, irmanados na homenagem ao Ângelo Araújo.

Seguiram-se as Baladas: à guitarra o Carlos Couceiro, à viola o Durval Moreirinhas; cantaram Luís Goes, António Bernardino e Almeida Santos, todos dedicando as suas interpretações ao Ângelo.

O momento da boa disposição esteve a cargo dos nossos «Jograis» (Tito Costa Santos, Fernando Paula, João Alpoim e Gustavo Cerdeira) que, num texto do Gustavo Cerdeira, encenado pelo José Henrique Dias, nos divertiram com «A Ceia dos Pontos Cardeais». A irreverência académica andou à solta e marcou pontos! No final dois jovens bailarinos, representando o Estudante e a Tricana, dançaram, e bem, a Valsa de Outros Tempos e a Balada de Coimbra.

Por fim, a Serenata, com o maior elenco jamais visto no Casino, foi inteiramente dedicada ao Ângelo. Nas guitarras Carlos Couceiro e Teotónio Xavier; nas violas Rodrigues Pereira e António José Rocha; cantaram António José Rocha (à viola esteve o Durval), Artur Mota, Arménio Marques dos Santos, Nascimento Ferreira, Tito Costa Santos, José Henrique Dias, Fernando Rolim, Alcindo Costa e Augusto Camacho. No final, a Balada da Despedida, com a presença em palco do Ângelo Araújo, de todos os intervenientes nas Baladas e na Serenata e demais ligados à Música de Coimbra presentes.

Tito Costa Santos

Jornal AMADORA/SINTRA

Na sua edição de Setembro de 1994 este Jornal faz referência ao nosso Boletim «CAPA E BATINA» de Agosto.

Destaca-se o Editorial que é um recolhimento e saudade por Álvaro Martins da Costa.

Refere a deslocação a Campo Maior e Borba e também a evocação de Vitorino Nemésio na RTP dedicada à nossa Associação.



Comissariado Geral de Policia Civica do Distrito de Coimbra

INSTRUMENTUM MANUMISSIONIS

Concedo licença á *Comissão dos Veteranos (Academicos)* representada por *Luiz Victor Augusto Victor*

para que possa percorrer as ruas, praças e largos desta cidade com uma cavalgada que partirá de Santa Clara ás 20 horas hoje 26 de maio e para a tradicional tourada no Largo da Feira e cortejo pela cidade amanhã 27

- sob as condições seguintes:
- 1.º Não Impedir o trânsito público;
 - 2.º Manter a ordem e moralidade;
 - 3.º Não se apresentar embriagado
 - 4.º Não se tornar importuno;
 - 5.º Apresentar esta licença sempre que lha exigirem.

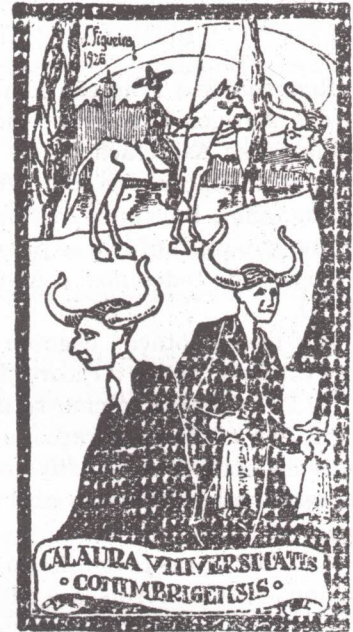
Esta licença será retirada logo que deixe de ser cumprida qualquer das condições.

Coimbra, 26 de maio de 1924.



O Comissário Geral,

Josephus Eduardus Victor



CONIMBRIGA
:: MCMXXVII ::

Anverso e reverso da carta de alforria que era entregue aos caloiros no final da tourada, libertando-os da sua condição de quadrúpede chavelhudo.

para que possa percorrer as ruas, praças e largos desta cidade com uma cavalgada que partirá de Santa Clara às 20.00 horas hoje 26 de Maio e para a hâdicional tourada no Largo da Feira e cortejo pela cidade amanhã 27

Instrumentum Manumissionis

Pro jare hujus instrumenti calaupus

ex servitute usus

fopensis Academici eximetup pretiosamque pecudem a Veteranis existimabitup.

Conimbriga, sexto die ante Kalendas Junii MCMXXVII.

DUX CONSILII VETERANORUM

IOSEPHUS EDUARDUS VICTOR.